

Volta às fontes batismais: Celso Furtado e a profecia da Sudene

[Back to baptismal fonts: Celso Furtado and Sudene's prophecy]

Darlan Praxedes Barboza¹

Elisabete Marin Ribas²

Agradecemos a Rosa Freire d'Aguiar, pelo apoio e orientações generosas no presente ensaio e em inúmeras outras oportunidades; ao professor Alexandre de Freitas Barbosa, pela confiança e entusiasmo; à equipe técnica do Serviço de Arquivo IEB/USP (Denise de Almeida Silva – supervisora; Adriano de Castro Meyer; Patrícia Godoy Gomes Dollay, pelo suporte incondicional de sempre; e a Paulo José de Moura, pelas reproduções digitais ágeis e precisas de parte dos documentos que ilustram este artigo). Ainda em relação às imagens e seus protocolos de reprodução, agradecemos também a Ivanise de Oliveira, pela gentileza e profissionalismo ímpar. Por fim, agradecemos à equipe da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*.

RESUMO • O presente artigo pretende ilustrar e discutir, a partir de documentos selecionados do arquivo pessoal de Celso Furtado, doado em 2019 ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), duas facetas da trajetória profissional de seu titular: a atuação no contexto da criação e da gestão da Sudene e o papel que teve como formador e inspirador da juventude de sua época. Espera-se que esta breve exposição estimule o interesse de outros pesquisadores pelo acervo de Celso Furtado, composto de milhares de itens que exprimem uma vida e uma obra dedicadas a pensar e transformar o Brasil. • **PALAVRAS-CHAVE** • Celso Furtado; Sudene; IEB; arquivos pessoais. • **ABSTRACT** • Resorting to selected

documents from Celso Furtado's personal archive donated to the Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) in 2019, this article's goal is to present and discuss two aspects concerning Furtado's professional career: his work on the creation and administration of Sudene and the role he had as a teacher and inspiration model for the youth of the period. We hope that this short presentation may encourage other researchers to be interested in Celso Furtado's archive – a collection composed by thousands of documents expressing a life and an intellectual production devoted to think and transform Brazil as a nation. • **KEYWORDS** • Celso Furtado; Sudene; IEB; personal archive.

Recebido em 8 de fevereiro de 2021

Aprovado em 15 de fevereiro de 2021

BARBOZA, Darlan Praxedes; RIBAS, Elisabete Marin. Volta às fontes batismais: Celso Furtado e a profecia da Sudene. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 78, p. 274-301, abr. 2021.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.vii78p274-301>

1 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil).

2 Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil); Universidade Estadual Paulista (Unesp, Marília, SP, Brasil).

Sinto-me, na verdade, como se tivesse um novo evangelho nas mãos.
(Celso Furtado, *Diários intermitentes*, 2019, p. 154).

Neste texto temos a alegria de trazer a público uma pequena mas significativa amostra dos materiais inéditos do acervo pessoal de Celso Furtado, que, desde 2019, se encontra sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). A equipe técnica responsável pelo tratamento desses documentos se viu na contingência de readequar a marcha de suas atividades e prazos em virtude da excepcionalidade do ano de 2020, o que não a impediu de avançar quanto foi possível em seu trabalho. Dito isso, é com grande satisfação que este texto dá a largada na publicização de alguns dos documentos do arquivo pessoal de Celso, com atenção especial a itens relativos à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e à questão Nordeste.

A seguir apresentaremos alguns desses materiais relacionando-os ao compromisso sempre em dia de Celso com as novas gerações. Como é sabido, Celso foi um homem de pensamento e ação, que, nutrido do sentimento de responsabilidade política, tomou posição por diversas vezes nas lutas do paroquial mundo político para romper as barreiras do atraso e das desigualdades (inclusive as regionais). Para tanto, o economista engajou as novas gerações em seus ideais e projetos. No Brasil ou no exterior, Celso sempre esteve rodeado pela juventude universitária. Seus livros e exemplo republicano exerciam – e exercem! – particular fascínio e atração sobre ela. E foi assim também porque ele se empenhou para atualizar a formação dos estudantes e para engajá-los no sonho responsável, se assim podemos chamar, de planejar as mudanças econômicas e sociais que elevariam os padrões de vida dos segmentos excluídos e alargariam as margens da democracia no Brasil, de maneira que as novas gerações que se formaram na esteira das oportunidades abertas por ele – na Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) e na Sudene – passaram a vê-lo como seu professor e mestre.

Na Cepal, os jovens economistas latino-americanos trabalharam com espírito de grupo, devoção e o sentimento de que cumpriam uma missão: desenvolver,

superar as velhas estruturas políticas e administrativas e distribuir renda. Nesse esforço, uma das prioridades foi preparar jovens especialistas e planejadores para reformar essas estruturas e promover o desenvolvimento. Celso Furtado foi uma das peças-chave desse experimentalismo cepalino, e esse período de quase dez anos na Cepal certamente influenciou seu gosto pelo trabalho em equipe, inspirado em propósitos elevados e movido pelo desejo de mudança da juventude. Como mostram os telegramas que constam do acervo, já durante o périplo latino-americano na década de 1950 Celso ergueu pontes com jovens pesquisadores brasileiros fundando com eles o Clube dos Economistas e a *Revista Econômica Brasileira* e aproveitando-os no Grupo Misto Cepal-BNDE em 1953. A partir de iniciativas como essas, Celso tornou-se pouco a pouco o líder natural desses jovens economistas, especialmente aqueles da “corrente desenvolvimentista nacionalista do setor público” (BIELSCHOWSKY, 1988). Somem-se a isso os embates de Celso e de Raúl Prebisch (o secretário-executivo da Cepal) com o mandarinato da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e da *Revista Brasileira de Economia* no começo da década de 1950 e se torna compreensível a importância que ele adquiria entre os mais moços.

Celso levou a sério a renovação do pensamento e a formação de quadros técnicos competentes, de cabeça arejada, livres de preconceitos ideológicos e também do pessimismo congênito de parcela das classes dominantes brasileiras acerca das potencialidades econômicas do país e do Nordeste. O nome de Celso se vinculou às novas gerações de intelectuais e universitários – das ciências sociais e de outras áreas –, antes e depois dos acontecimentos de 1964, tornando-o um emblema para a juventude que desde a década de 1950 ele convocou para sentar à mesa com seus ideais e qualificações e assumir responsabilidades efetivas pelos destinos do país e do Nordeste. Essas gerações logo alçariam Celso ao lugar de mestre cujos ideais e exemplo se constituíam numa espécie de reserva utópica – nunca esgotada – das aspirações de uma nação ainda por ser feita. Dentre tantos depoimentos a esse respeito, são esclarecedores o da escritora Nélida Piñon e o do historiador José Murilo de Carvalho:

Sua biografia, intimamente enlaçada a este país, a este continente, parecia orgulhosamente nos representar. Fazia-nos maiores do que éramos de fato. Sua história permitia que nos alimentássemos da ilusão de que um dia o Brasil cresceria, ganharia maturidade, reverberaria, estaria finalmente à altura deste brasileiro singular, ao alcance de nós próprios. (PIÑON, 2005, p. 390).

Para mim e para toda a geração que entrou na universidade no começo dos anos 60, ele foi sempre uma figura próxima, quase íntima, um irmão mais velho, um conselheiro, um mestre. Ele falava para nós e falava por nós. (CARVALHO, 2005, p. 422).

Esse sentimento agudo de responsabilidade com a coisa pública e compromisso com a formação de jovens pesquisadores vai ao encontro da missão do Arquivo IEB/USP de preservar e difundir a memória de alguns dos mais destacados artistas e intelectuais brasileiros cujos acervos se encontram sob sua guarda, estimular e apoiar a produção de novas pesquisas e propiciar, especialmente aos jovens pesquisadores

que ali chegam, o conhecimento das noções e técnicas do trabalho de conservação e extroversão de acervos pessoais.

Na próxima seção discutiremos um aspecto mais geral e que nos parece ser um fio da meada importante para pensar a atração exercida pela liderança de Celso no período da Sudene: sua juventude. Na última seção, passaremos à apresentação de alguns dos documentos do acervo procurando ressaltar o ar de novidade e o surgimento avassalador de Celso Furtado e da Sudene na cena política brasileira entre as décadas de 1950 e 1960 e sublinharemos seu papel como um reformador educacional do Nordeste – da alfabetização à pós-graduação – que multiplicou as oportunidades de formação para as gerações de jovens pesquisadores e planejadores.

“COMPROMETO-ME COMIGO MESMO A SER JOVEM”³

*Todo começo é involuntário
Deus é o agente
O herói a si assiste, vário
E inconsciente
À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”
Ergueste-a, e fez-se
(Fernando Pessoa, 2007, p. 33).*

Depois da temporada de estudos em Cambridge, Celso Furtado regressou ao Brasil em agosto de 1958 como diretor para o Nordeste do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) e chefe do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN). Logo se tornaria o homem da Operação Nordeste (Openo) e publicaria *Formação econômica do Brasil (FEB)*. O país atravessava um período de aceleradas transformações econômicas e respirava um clima de otimismo e esperança. O bossanovismo e o “desenvolvimentismo a caneladas” do governo Juscelino Kubitschek (1955-1960) abriam espaço na rígida estrutura de poder para jovens que, a exemplo de Celso, buscavam modernizar a administração pública e mover os ponteiros do relógio em direção ao futuro contra o derrotismo e o agrarismo de parcela das classes dominantes brasileiras.

Nesse momento, eram poucos os vínculos de Celso com o mundo social da Paraíba. Seus pais e irmãos haviam se mudado para o Rio de Janeiro havia bastante tempo. Da sertaneja Pombal dos tempos de infância restavam as imagens de um mundo catastrófico (secas e enchentes) e violento dos coronéis e do cangaço, espectro de uma fatalidade a rondar a imaginação de Celso e contra a qual lutaria ao longo da vida. No Rio de Janeiro, ele inspirava respeito no pequeno círculo de jovens economistas das correntes desenvolvimentistas nacionalistas dos setores público e privado do BNDE,

3 Extraído da reportagem “Omladinska Pruga: com uma brigada internacional nas montanhas da Bósnia” (FURTADO, 1947, p. 15).

da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) (BIELSCHOWSKY, 1988) – e mesmo na FGV de Eugênio Gudin e Octávio Gouveia de Bulhões. Aos olhos deles, Celso era o brasileiro jovem e brilhante da Cepal de Prebisch – um mestre de todos e já uma figura antológica. A ascensão de Furtado seria veloz como velozes eram os anos kubitschekianos.

Mas deixemos momentaneamente de lado esses aspectos contextuais, aos quais voltaremos na próxima seção, para explorar as percepções de Celso acerca da juventude que seus adeptos e adversários atribuíam-lhe para acentuar o viço de sua liderança ou acusar seu verdor e presumido despreparo. Esse aspecto é ainda mais interessante ao nos darmos conta de que, embora não esbanjasse jovialidade, Celso exibía uma vitalidade que não escapou a seus contemporâneos. Vejamos como ao longo da vida ele elaborou o paradoxo de um homem austero e dono de uma energia vital e uma “paixão tranquila e racional pelo Nordeste” (OLIVEIRA, 2003) ou uma “paixão medida” (BRESSER-PEREIRA, 2001).

Celso era um rapaz determinado – “Gosto de coisas difíceis!” –, de aguda e sutil inteligência, culto, discreto, contemplativo (acalentava a vida de romancista), amante das artes, absorvido pela ideia de encontrar “um programa de vida” – “Eu sem um programa de vida sou um homem morto!” – e de realizar um futuro, “a grande e total vocação inspirada por um motivo altíssimo” (FURTADO, 2019). Essa ideia o envolvia de tal maneira que ainda adolescente tomou a seguinte nota:

Aos meus quatorze anos sofri a minha primeira crise espiritual – crise de angústia cósmica. Então eu senti pela primeira vez que a vida de cada homem era uma obra a ser realizada em função de um fim. Olhei abismado para o futuro e chorei apavorado ante a ideia de que talvez não pudesse atingir aquele fim. (FURTADO, 2019, p. 75).

Pouco confortável em sua meninice e “sedento de orientação”, Celso buscou contornar a “crise de angústia cósmica” disciplinando a própria vida, sacrificando-se a um rígido “programa de estudos” e ponderando a respeito do “destino” – atemorizava-lhe a perspectiva de “um futuro estreito” ou “ao léu da sorte” (FURTADO, 2019, p. 77). Aos 25 anos, lamentava a “consciência do tempo perdido” e a “indisciplina mental”, incompatíveis com o “senso de responsabilidade” de quem esperava ter “um papel a desempenhar sob o sol” e que deveria ter em alta conta os “problemas superiores do país” (FURTADO, 2019, p. 63). Com humor e sabor literário, escreveu uma reportagem para a *Revista da Semana* narrando o embaraço que sua fisionomia prosecta causara entre os jovens franceses, que, como ele, se voluntariavam na brigada internacional para a reconstrução do leste europeu em 1947:

Mais de cem pessoas já estavam reunidas. Eram rapazes e moças de short, sapatos de campo, saco nas costas. Sorratamente fui escondendo o meu chapéu de feltro na valise, tirando a gravata, pondo o paletó no braço, arreganhando as mangas... Assoviei um samba para me sentir mais à vontade: “tira o seu anel de dotô pra não dá o que falar...”. E fiz a minha *entrée* no grupo.

Quando souberam que eu era brasileiro, os franceses me bombardearam com perguntas: “como vivem os jovens no Brasil, que organizações de juventude há, que

fazem, que pensam...”. [...] fazia a mim mesmo essa pergunta ainda mais desconcertante: será que eu sou um jovem? 27 anos incompletos... Será que no Brasil algum dia a gente também é jovem? Nunca me ocorreu na vida dar-me esse título. Ser jovem sempre me pareceu uma profissão para vadios... (FURTADO, 1947).

A luta áspera de um rapaz sertanejo consigo mesmo para “superar a estreiteza de certa condição primária” e a “escravidão do homem a certas contingências”, os esforços para escapar à “mediocridade”, “boçalidade” e “incapacidade”, em suma, a quase obsessão por “se elevar acima da média” e recusar os “prazeres fáceis” (FURTADO, 2019, p. 115), em nada lembravam uma centelha de juventude. A prerrogativa da juventude não vestia bem no sertanejo premido pelo dever de batalhar por um futuro inspirado nos grandes ideais e que parecia escapar-lhe quanto mais dele se aproximava. É revelador desse estado de coisas o episódio de sua nomeação para chefiar a Diretoria de Desenvolvimento da Cepal, que provocou resistências nas Nações Unidas em virtude da mocidade do postulante:

Eu completara trinta anos e me considerava tão velho quanto se pode ser antes da senilidade. Para quem nascera no sertão, na época em que nos refugiávamos na caatinga para escapar das incursões de Lampião, e aprendera como primeira língua estrangeira o latim, o tempo vivido me parecia incomensurável. Arregalava os olhos quando me tratavam de “jovem”. Contara-me Prebich que, quando assumira a direção do Banco Central, tinha apenas 34 anos, o que não contribuía para firmar sua autoridade junto à comunidade bancária, na época extremamente conservadora, no país e no exterior. Decidira-se, então, a tomar um pouco de peso, pois a gordura confunde as idades. Não era essa uma saída para mim: era um jogador de tênis inveterado e queimaria qualquer excesso de calorias que ingerisse. (FURTADO, 1985, p. 227).

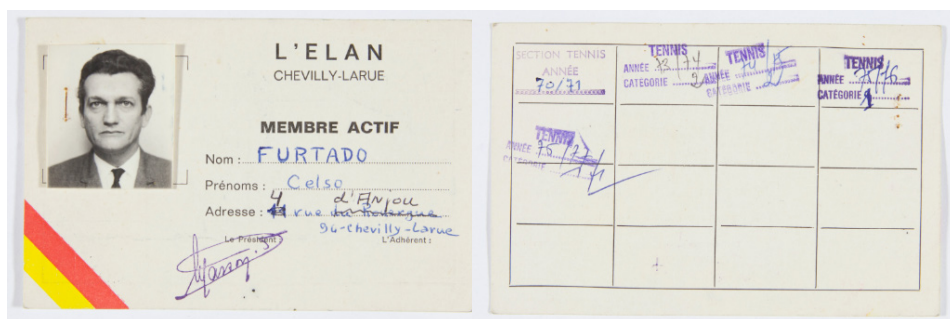


Figura 1 – Credencial de identificação de Celso Furtado como integrante do clube de tênis L’Elan. À direita, detalhe do verso: registro das datas das partidas. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-TENIS-001

A espessura da vida interior de Celso e o complexo de suas experiências sertanejas alteraram a percepção da passagem do tempo e lhe infundiram uma longevidade insuspeitada a olhos nus. O porte atlético e a disposição física de “um jogador de tênis inveterado” disfarçavam a densidade de sua idade espiritual, por assim dizer.

Excluída a hipótese da perda de peso, Celso procurou contornar o empecilho da idade e firmar sua autoridade trabalhando obcecadamente e reforçando sua feição austera, que causava uma forte impressão. Apresentava-se também como um especialista objetivo em problemas do desenvolvimento latino-americano e portador de uma mensagem nova (da ideologia do desenvolvimento) assentada no evangelho da razão:

A sinceridade também é uma forma de demagogia. Se bem utilizada. Afirmando categoricamente que não faço promessas. Não alimento ilusões. Trato de fazer com que todos entendam meu ponto de vista. [...] Cada vez mais me convenço de que a razão é um poderoso instrumento de dominação, mesmo das multidões. O evangelista da razão. (FURTADO, 2019, p. 155).

A força potencial de sua liderança, a convicção que transmitia, o ardor contido e a capacidade de persuadir e influenciar outras pessoas foram desentranhados no processo de luta pela criação da Sudene. Celso deixou o Nordeste em 1939 em busca de horizontes mais vastos – *Os ares do mundo* (FURTADO, 2014) – e retornou vinte anos depois confiante para reintegrar o mundo da infância num novo e audacioso sonho, o da Sudene. É esse Celso convicto, determinado e ciente de sua própria grandeza que avistamos na seguinte passagem:

Essa impressão de resistência ao embate que dou às outras pessoas é que me permite liderar. A essência da liderança está na confiança que inspira, na sensação de segurança que irradia. A maioria dos que estão perto de mim confia em que eu realmente sei aonde vou, sei o que quero. E na verdade cada dia tenho mais confiança em mim mesmo nessa luta. Se me derem as armas eu chegarei aonde quero, e tenho fé em que mudarei o curso das coisas no Nordeste. (FURTADO, 2019, p. 172).

A batalha da Sudene significou o desabrochar da liderança idealista, segura, tenaz, entusiasmada e com fervor missionário. Talvez surpreendamos nessas qualidades a personalidade audaz que empolgou Kubitschek a respeito da necessidade de adotar uma nova política para o Nordeste, conjugando o aspecto ecológico com as estruturas socioeconômicas. O diagnóstico cristalino, o sentido de urgência, o tino político, a linguagem do desenvolvimento, o impacto de uma descoberta dramática e desafiadora – “as crescentes disparidades regionais constituirão o mais grave problema do nosso país nesta segunda metade do século XX” (FURTADO, 2009, p. 30) – impactaram Kubitschek, entusiasmado também ante a chance de fazer da “questão nordestina” outra grande realização de seu governo.

Celso foi investido de vastos poderes para reconstruir o Nordeste e passou ao outro lado do balcão para negociar no campo político seus planos de desenvolvimento na região em situação explosiva. Como veremos no próximo item, nos desdobramentos dos conflitos no Nordeste passou a ser jogada a sorte do equilíbrio de poder nacional e da Guerra Fria – para o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy (1961-1963), “no area in this hemisphere is in greater or more urgent need of attention than Brazil’s vast

northeast” (apud SZULC, 1961a)⁴. O Nordeste saía do secular entorpecimento para figurar como um centro geopolítico dos conflitos mundiais. A seca de 1958 – a primeira a ser televisionada – e os flagelados, Francisco Julião e as Ligas Camponesas, a Sudene e Celso Furtado eram manchete no país e no exterior. Nesse contexto de entusiasmo e também de conflagração social e política, Celso convocou a juventude universitária nordestina para a batalha da Sudene, e seu chamado foi prontamente atendido.

OS ANOS DOURADOS DA SUDENE

*Nesta região, não há ninguém que,
entre acordar e dormir, não pense em
alguma coisa, não use alguma coisa que
não esteja relacionada com o que foi
feito a partir da criação da Sudene.
(Cristovam Buarque, 1995, p. 94).*

No acervo pessoal de Celso Furtado encontram-se os primeiros registros na imprensa da aparição do economista como diretor para o Nordeste do BNDE e um especialista da questão regional. Em 5 de novembro de 1958, depois de viajar pelo Nordeste, ele foi a João Pessoa participar de um ciclo de debates sobre os problemas da região. Convidado por Claudio Santa Cruz, diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba, o economista, que ainda era relativamente pouco conhecido no país quando se tem em vista o nome público que adquiriria com a criação da Sudene, palestrou sobre o desenvolvimento econômico do Nordeste e foi apresentado aos leitores do *Correio da Paraíba* da seguinte maneira:

Técnico da ONU, especializado no estudo dos processos de elaboração da riqueza em numerosos países que têm visitado, ultimamente convidado para o cargo (que aceitou) de diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, o jovem conterrâneo atraiu um público numeroso e seletivo ao salão nobre daquele estabelecimento de ensino superior. E, mais do que isso: agrônomos, sociólogos, investigadores dos problemas regionais, tomaram parte na exposição de ideias do orador, através de interpelações e debates que a transformaram num inesperado parlamento. [...] Disse ele que não ia pronunciar uma conferência, mas apenas expor reações pessoais, modos particulares de ver os problemas ligados ao desenvolvimento econômico do Nordeste. Todavia, sua palavra de técnico, credenciado por tantos títulos: Sorbonne, planificação da economia do Peru, observações e estudos em quase todos os países áridos do mundo, viagem ao México, estada de um ano inteiro na Inglaterra, dois livros publicados – não podia deixar de revestir-se de autoridade. (DEBATE na Faculdade..., *Correio da Paraíba*, 9/11/1958).

4 Entre os senadores norte-americanos o sentimento era o mesmo: “*Because of Brazil’s immense importance in the hemisphere, these dangers are not lightly dismissed by the policy makers here*” (SZULC, 1962).



Figura 2 – Artigo publicado no jornal *A União* em 6/11/1958.

Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-042. O documento foi selecionado por se tratar do primeiro registro de Celso Furtado como diretor para o Nordeste do BNDE e como especialista no desenvolvimento regional

Celso acabara de assumir a chefia do GTDN e colocava-se a par de seus trabalhos. O estudo “Uma política para o desenvolvimento econômico do Nordeste” seria apresentado no Palácio do Catete a Kubitschek apenas em 17 de fevereiro de 1959, data do lançamento da *Openo*. Celso escolheu a Paraíba, mundo de sua infância e terra de “uma das piores classes dominantes de todos os tempos” (OLIVEIRA, 2003, p. 56), para estrear e testar a força de suas primeiras teses e planos de ação para um Nordeste arrasado pela seca de 1958. Ele apresentou seus pontos de vista, “algo revolucionários” segundo o repórter, como “reações pessoais” e “modos particulares” de ver os problemas do desenvolvimento do Nordeste numa exposição “de improviso” (DEBATE na Faculdade..., *Correio da Paraíba*, 9/11/1958). Deixando os ouvintes “aterrados”, Celso

se referiu ao Nordeste como “a região mais pobre da América Latina” e apresentou com ineditismo a tese de que os desequilíbrios regionais entre o Nordeste e o Centro-Sul ameaçavam a unidade nacional. Causou espanto, também, ao sustentar que, em vez das secas, a ruína da região deveria ser creditada à sua fragilidade econômica e social (descapitalização, baixíssima produtividade e falta de alimentos), que provocava o cenário de colapso da produção e miséria. Nesses termos, a solução da baixa oferta de alimentos no sertão superpovoado impunha o abandono da política de açudagem e a adoção de um plano de despovoamento e colonização, proposta que soou estapafúrdia para os agrônomos presentes. Para a zona da mata, a saída era industrializar e multiplicar empregos.

Um aspecto interessante da estreia de Celso foram as reações do agrônomo e ambientalista Lauro Pires Xavier, presidente da Federação das Associações Rurais do Estado da Paraíba, que usou argumentos da mesma cepa dos que, mais tarde, seriam esgrimidos pelos opositores dos planos da futura Sudene no Congresso e na imprensa – particularmente por Argemiro Figueiredo. No artigo “Agrônomos x economistas (À margem da conferência do professor Celso Furtado)” (XAVIER, 1958), Lauro afirmaria ser o plano de Celso para a reconstrução do Nordeste “simplista”, “infeliz” e “fora de nossa realidade”. Celso dividiria o Nordeste entre “Mata” e “Sertão”, teria olhos apenas para a implantação de indústrias à beira-mar e descartaria como “antieconômicos” os esforços de décadas de agrônomos e políticos – os também paraibanos Epiácio Pessoa e José Américo de Almeida – para acumular água e criar uma classe regante na zona seca. Frente à presumida preferência de Celso pela “orla marítima” e ao desalento com o “interior”, Lauro chegou a recomendar ao ilustre visitante “com a cabeça recheada de teorias estrangeiras” leituras para informar-se sobre os problemas do Nordeste – livros de José Augusto Trindade e José Guimarães Duque, estudos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a recuperação de terras semiáridas e, inclusive, *Os sertões*, de Euclides da Cunha.

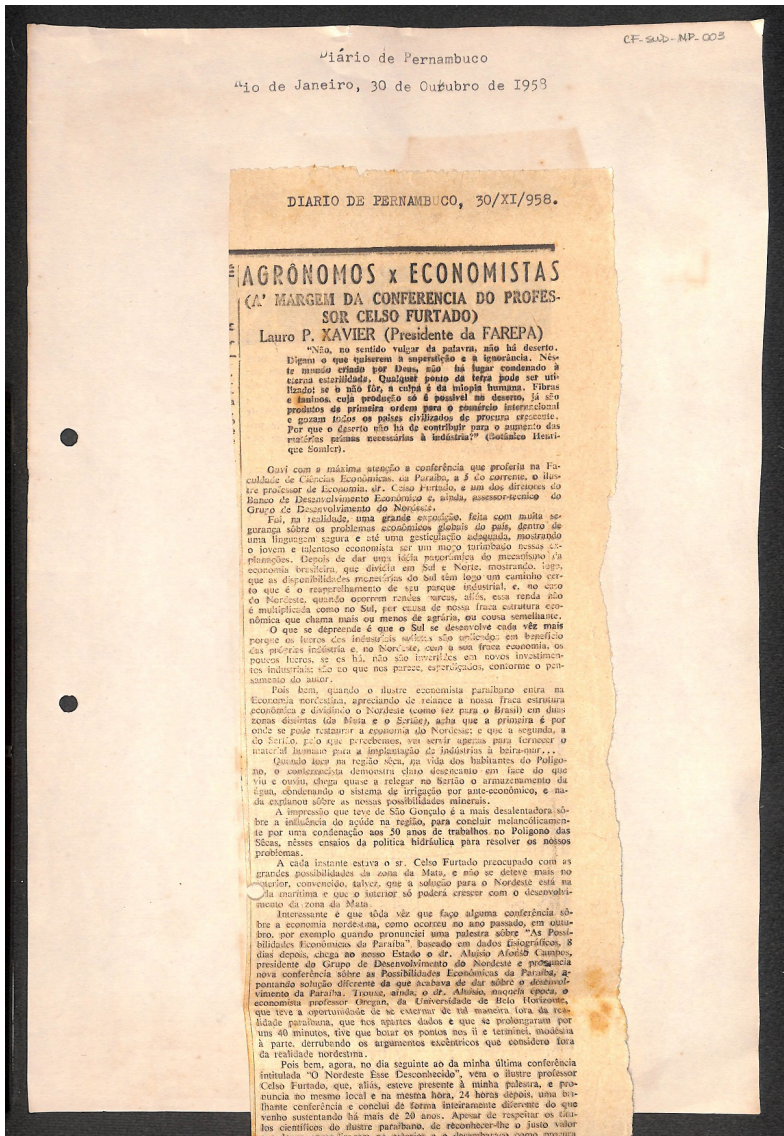


Figura 3 – Artigo publicado no *Diário de Pernambuco* em 30/10/1958. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-003

Algum tempo depois, em 13 de janeiro de 1959, e após a reunião em Petrópolis com Kubitschek e *experts* em 6 de janeiro, Celso estreou na imprensa do sul numa entrevista de primeira página no *Correio da Manhã*. O jornal de Paulo Bittencourt se lançaria numa cruzada a favor da Sudene e de Celso e contra a “indústria (e os industriais) das secas” e seus representantes no Congresso e no governo – o governista PSD foi a pedra no sapato de Celso e da Sudene. Vale mencionar de passagem que Kubitschek se importava especialmente com a cobertura que esse jornal fazia do

governo e com as opiniões de seus editorialistas. Vejamos como o *Correio da Manhã* apresentou Celso à opinião pública:

É com alegria que vemos esta antiga posição do Correio da Manhã tomando agora a forma de um enérgico Plano de Ação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste. O supervisor técnico desse grupo chama-se Celso Furtado. Em pouco tempo seu nome estará dispensando apresentações. Paraibano, jovem doutor em Economia pela Universidade de Paris e com estudos econômicos feitos também em Cambridge, o sr. Furtado já chefiou a seção de Desenvolvimento Econômico da Cepal, o organismo econômico das Nações Unidas. É agora diretor do Banco de Desenvolvimento Econômico, com o fim de dirigir, ali, os estudos sobre o Nordeste. Seu Plano de Ação para o Nordeste está pronto. [...] Simples de jeito, positivo nas respostas, suas palavras não exteriorizam a paixão que nutre[m] seus estudos sobre o Nordeste. Sua paixão se torna visível no próprio Plano que elaborou. E do qual vai ser o executor. (PLANO DE AÇÃO..., *Correio da Manhã*, 13/1/1959).

“Jovem”, “enérgico”, “simples”, “positivo”, autor e executor de um plano redigido com “paixão” – o repórter notava a dissonância entre a verve que animava as peças de diagnóstico e intervenção e o ar circunspecto de seu criador –, Celso foi apresentado como o agente da revolução copernicana na forma tradicional de pensar e propor saídas para o Nordeste. Impactado pela liderança promissora de Celso e pelo ineditismo de sua política para o Nordeste, o repórter iniciava a entrevista com a seguinte observação: “Conversando com Celso Furtado e tomando notas, o redator reparou ao cabo de algum tempo que a palavra ‘seca’, acento tônico de tudo quanto se diz sobre o Nordeste, ainda não aparecera. A palavra ‘desenvolvimento’ sim, surgia a todo momento” (PLANO DE AÇÃO..., *Correio da Manhã*, 13/1/1959). O “problema Nordeste” deixaria de ser apreendido nos âmbitos hidrológico e geológico e segundo os interesses da “política de açudagem”. O “x” da questão a partir do qual Celso desfiaria tudo o mais era a escassez de alimentos, que abria o flanco da iníqua e atrasada estrutura agrária e permitia visualizar seus efeitos inibidores sobre o sistema econômico do Nordeste. Em uma de suas sínteses magistrais e com alto poder persuasivo, Celso jogaria a pá de cal sobre a “indústria da seca”: “O que chamamos seca é um traço fundamental do Nordeste. O necessário é criar uma economia adaptada à região e portanto à seca” (PLANO DE AÇÃO..., *Correio da Manhã*, 13/1/1959). Com isso, conquistava, por um lado, a adesão quase irrestrita da opinião pública do sul à Opepo e a seu nome para a “revolução fria” (FURTADO, 2019) no âmbito do governo federal – travaria uma luta selvagem contra o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs) –, e, por outro, se preparava para o embate de vida e morte contra as oligarquias agroexportadoras do complexo algodão-pecuária e do açúcar.

Cabe aqui uma ponderação. Celso sabia que se metera numa briga sem tréguas pelo desenvolvimento do Nordeste contra latifundiários, coronéis e a velha estrutura de poder. Por isso mesmo, ele não subestimava a resiliência e a capacidade de cooptação dos grupos oligárquicos contra os quais lutou. Quem leu *FEB* sabe que essa observação não é anacrônica. Celso conhecia bem as classes dominantes nordestinas – a da Paraíba era seu termômetro. Ou a Sudene lograva surfar sobre uma caudalosa

e favorável onda de opinião pública para transformar a realidade do Nordeste, ou ele não embarcaria numa canoa furada e de naufrágio à vista. É com esse espírito que tomou a seguinte nota no contexto da reunião do Conselho de Desenvolvimento do Nordeste (Codeno) de 2 de junho de 1959:

Em certo momento tive que declarar que se é para repetir o passado não aceitaria a direção desse órgão. Tenho grande curiosidade em saber quanto tempo essa bola quente ficará em minhas mãos. Sinto que existe um imenso trabalho a realizar. Mas não sinto um verdadeiro apego a essa tarefa. Não que me falte amor a essa gente. Mas talvez por que sinto que a tarefa ainda não é realizável. (FURTADO, 2019, p. 156).

A consciência aguda do desafio de confrontar a força inercial de um passado cristalizado nas rígidas estruturas econômicas, sociais e políticas, assim como a necessidade de impulsionar a maturação de um novo campo gravitacional de forças nucleado pela Sudene e amalgamado por seus planos de transformação do Nordeste explicam a mirada estratégica de Celso para a questão da comunicação na saga da Sudene. O ex-repórter da *Revista da Semana* e ex-suplente de revisão do *Correio da Manhã* estabeleceu pontes especialmente com os jornais do sul; ciceroneou repórteres e autoridades (brasileiras e estrangeiras) nas expedições pelo *hinterland* nordestino nos lendários *jeeps* Rural Willys da Sudene; liberou o acesso irrestrito da imprensa às reuniões mensais do Codeno – espécie de ágora itinerante do Nordeste integrada por nomes como Celso Furtado, Gilberto Freyre, Romulo Almeida e José Guimarães Duque, dando ao que ali era discutido maior transparência e ampla repercussão na mídia; tornou-se uma figura conhecida na televisão ao participar de debates sobre o Nordeste e popularizar as temáticas do desenvolvimento e da planificação – os aparelhos televisivos já eram realidade entre as classes acomodadas; utilizou-se também de *A voz do Brasil*, o programa oficial de rádio criado por Getúlio Vargas, para difundir seus planos e realizações no Nordeste; concedeu inumeráveis entrevistas coletivas entre os embarques e desembarques nos aeroportos de Guararapes, Santos Dumont e de Brasília – a rotina intensa de viagens de Celso no período em que acumulou os cargos de ministro do Planejamento (1962-1963) e superintendente da Sudene (1959-1964) lhe valeu a fama de *globetrotter*; montou a Divisão de Revistas e organizou uma série de publicações com os planos e o balanço dos trabalhos das diversas divisões da Sudene, que eram enviadas às repartições públicas (federais, estaduais e municipais) e às universidades, além de servirem de suporte didático para os cursos a cargo da própria autarquia federal; *last but not least*, idealizou a produção de curtas-metragens sobre o Nordeste e as ações da Sudene, que foram exibidos nos cursos acima referidos (nas capitais e nos interiores) e também para os brasileiros de outras regiões e estrangeiros que visitavam a Sudene com o intuito de inteirar-se dos planos de desenvolvimento para a região – como evidenciam a movimentação (inclusive de curiosos) nos corredores do último andar do edifício Tereza Cristina, a estrondosa repercussão midiática, a entronização da sigla como tema da música popular nordestina (do baião de Luiz Gonzaga às marchinhas de carnaval do Recife), a Sudene – e o Nordeste – era *pop*.

Fluente em inglês e francês e ex-oficial de ligação entre as tropas brasileiras e o 5º Exército americano nas trincheiras da Itália em 1945, Celso buscou na imprensa

internacional outro aliado de peso na luta pela Sudene. O destaque que a região e a autarquia federal passaram a ter no noticiário estrangeiro era inédito, e para lá se deslocou um enxame de repórteres de diversos jornais e cinegrafistas da British Broadcasting Corporation (BBC), da American Broadcasting Company (ABC) e da National Broadcasting Company (NBC). A ABC e a NBC filmaram, respectivamente, *Brazil – The troubled land* (1961) e *The rude awakening* (1962)⁵. Como se sabe, foi enorme a repercussão particularmente daquele primeiro documentário nos Estados Unidos, que, receosos de que surgisse uma nova Cuba no Brasil, serviram-se dele como peça de propaganda para alavancar a Aliança para o Progresso⁶. Com Celso e os sudenianos como guias, os gringos viajaram e descobriram o “Northeast” brasileiro – “*an area three times France’s size*” (SUDENE Program..., 1961) e com 22 milhões de habitantes; avistaram a gente severina da “*drought-plaged region*” (BRUGSMA, 1962) de “*subhuman misery*” (KEELY, 1962a) – “*Small boys, many no more than three years old, can be seen on the roads carryng pint-sized machetes and loads of sticks or grass on their heads*” (KEELY, 1962a); informavam-se do “*feudal system of land*” (KEELY, 1962a) e seus “*absentee landlords*” (TAYLOR, s. d.), useiros e vezeiros no emprego do terror armado para obstar qualquer mudança – “*No changes ever!*”⁷; e constataavam a “*catastrophic situation*” e o “*chronic underdevelopment*” (SZULC, 1961b) – “*For most, no schools, no doctors, no priests, no hope... only for an early death*” (SZULC, 1961b). Diante do quadro de seca, de camponeses e operários desempregados e famintos, procissões fúnebres, residências de gente rica contrastadas com choças e mocambos miseráveis – “*houses of slave*” (SZULC, 1961b) –, os repórteres e cinegrafistas estrangeiros prefiguravam uma “*pre-revolutionary*

5 Encontra-se no acervo uma cópia do roteiro de um documentário da NBC sobre o Nordeste brasileiro exibido em julho de 1962 no programa *This is NBC News*. O cinegrafista da NBC filmou a expedição Bohan-Sudene pela selva e vales úmidos maranhenses em novembro de 1961, e as imagens foram exibidas no documentário junto a outras da área seca e da zona da mata pernambucana.

6 Em *Brazil – the troubled land*, Celso já se mostrava independente e cauteloso quanto à “ajuda” dos americanos ao Nordeste condicionando-a aos planos e aspirações da sociedade brasileira. Essa mesma contun-dência seria observada em novembro de 1962, no México, quando o então ministro chefiou a delegação brasileira no Conselho Interamericano Econômico e Social e criticou duramente os americanos e a Aliança para o Progresso, ecoando o sentimento dos delegados latino-americanos e afirmando a soberania da região para levar a cabo o desenvolvimento: “Cumpre-nos partir da comprovação simples de que a Aliança somente tem sentido à medida que se apoiar nos profundos anseios de progresso dos nossos povos. [...] Não teria sentido a humanística da Aliança independentemente da mística que já existe a respeito do progresso em nossos povos. Não necessitamos de uma promoção publicitária para criar progresso, e por ele lutar a América Latina. [...] o essencial para todos nós é identificar o sentido e, adequadamente, orientar as forças profundas que trabalham em nossos povos e que se traduzem no propósito e na exigência do progresso. Não podemos deixar de reconhecer que essas forças, no estágio do desenvolvimento latino-americano, se exercem no sentido da afirmação dos valores próprios de cada povo num processo de autoidentificação. É por essa razão que a mística do desenvolvimento tem entre nós uma dimensão nitidamente nacionalista. Não reconhecer um sentido positivo nesse nacionalismo e emprestar-lhe ações agressivas de outros processos históricos é estar incapacitado para a identificação dos elementos irreduzíveis da nossa realidade social” (DESENVOLVIMENTO..., *O Globo*, 18/11/1962).

7 Extraído do roteiro de um dos documentários da NBC exibido nos Estados Unidos em 1962.

situation” (BRUGSMA, 1962): “*The situation in the Northeast is desperate!*” (KEELY, 1962a); “*It is a tinder-box of discontent and potential revolution!*” (TAYLOR, s. d.); “*An area of ferment*” (SZULK, 1961); “*And time is running out*” (KEELY, 1962a). A figura de Julião, “*Castro’s pupil*” (TAYLOR, s. d.) e líder das Ligas Camponesas – “*a revolutionary political moviment*” (KEELY, 1962a) –, era antagonizada à de Celso, “*another hero*” (KEELY, 1962a) e “*a dedicated chief with lots of nerve*”⁸, que levaria a efeito “*a legal revolution by fundamental structural reforms*” (BRUGSMA, 1962).

Ao passo que os repórteres e agentes de inteligência americanos apreendiam os acontecimentos no Nordeste e a razão de ser da Sudene na viseira da Guerra Fria e da infiltração comunista, Celso buscava canalizar as energias sociais difusas e orientar as forças políticas disruptivas no sentido da reconstrução das estruturas econômicas e sociais do Nordeste, apertando o cerco contra a velha oligarquia agrária e alargando os limites estreitos da também velha estrutura política de base patrimonial. Para acelerar o lento processo de modernização dos marcos políticos e econômicos do Nordeste, Celso caminhou na corda bamba e arcou com os custos da tentativa arriscada e de alta voltagem política de atrair o reforço da opinião pública internacional para o projeto da Sudene. Não obstante o fogo cruzado de setores da opinião comunista e nacionalista, Celso obteve sucesso na tentativa de conquistar a atenção internacional para o “*Northeast problem*” e granjear a adesão da imprensa gringa, que reverberou a “*Nueva Tierra Prometida*” (NERY, 1963) dos planos da Sudene.

If the communists do not capture Brazil’s vast Northeast, the credit will belong to an energetic young man with big plans and small funds. He is in a race against time. Celso Furtado, 41, is the head of Sudene. Sr. Furtado’s agency is the first real government attempt to right the wrongs suffered by the Northeast’s people. Sr. Furtado and his staff are working ‘round the clock’. Sitting behind a seven-foot-long desk piled high with maps, charts, documents, and books, the young economist outlined a “five-year plan”. Two hundred projects are already underway. (KEELY, 1962b).

[...] *le jeune ministre du plan administrateur général de la Sudene (Superintendance pour le développement Nord-Est), M. Celso Furtado. Avec lui pas d’envolées lyriques, mais une conviction, une foi tout aussi inébranlables, nourries d’arguments, de comparaisons, de chiffres. Un technocrate, si l’on veut, qui a étudié le marxisme et mesure combien le maintien de la double structure féodale du Brésil, la rurale et l’industrielle, l’ancienne et la nouvelle, offrait de prise à la propagande communiste, surtout parmi les étudiants.* (SIRIUS, 1963).

Its creator (a development plan) is Celso Furtado, aged 43, an economist who has surrounded himself with a team of young, dedicated and able assistants. He is in charge of Sudene... and has devised a programme of fundamental rehabilitation. [...] He has persuaded industrialists to invest in new factories. And he has placed before Congress a controversial proposal for amendment of the constitution to allow part expropriation of private sugar plantations to provide land for more varied crops. He has refused offers of financial aid from political organizations out for gain, and by so doing has been called everything from Communist to

8 Extraído do roteiro de um dos documentários da NBC exibido nos Estados Unidos em 1962.

Fascist. But he has survived all onslaughts, and the reason is that he is the one man in Brazil with a plan for the northeast, and the one man who is conscientious enough to see it through.
(TAYLOR, s. d.).

Além dos aliados e simpatizantes dos planos da Sudene, encontramos também no acervo pessoal de Celso Furtado artigos na imprensa de alguns de seus adversários. Esse material é valioso para os pesquisadores porque permite rastrear algumas das críticas e dos oponentes dos novos planos para a “salvação” do Nordeste aos quais Celso prestava atenção – não propriamente pela pertinência de suas opiniões mas pela repercussão delas. A causa da Sudene despertou a hostilidade e mesmo a ira de muita gente graúda e influente ligada ao *statu quo* e que, surpreendida pela argúcia política, inflexibilidade ética e clareza de propósitos do – a seus olhos – novato superintendente, ou buscou estrategicamente esvaziar o projeto da Sudene por dentro e cooptar Celso (os governadores nordestinos Cid Sampaio, Aluísio Alves, Parsifal Barroso e Virgílio Távora, por exemplo), ou assumiu uma posição de relativa indiferença diante da questão regional (Gudin e Bulhões), ou, ainda, partiu abertamente para a ofensiva (Assis Chateaubriand, Argemiro Figueiredo, Amaral Peixoto, José Cândido Pessoa, Gileno de Carli, dentre outros). Além do artigo de Lauro Xavier, já referido, encontramos no acervo textos de Eugênio Gudin, Assis Chateaubriand e Argemiro Figueiredo. A quase unanimidade em torno da Sudene nos anos iniciais e o frescor de uma liderança nova – sem antecedentes político-partidários, com credenciais universitárias e profissionais de monta, sob a roupagem do “especialista econômico” e com respaldo de Kubitschek – dificultariam a vida dos contendores.

Eugênio Gudin, o ortodoxo ex-ministro da Fazenda e um antigo adversário de Celso, repisaria a tese segundo a qual, no país, assim como no Nordeste, as dificuldades econômicas adviriam da adoção de uma política econômica orientada para os interesses dos setores urbanos e da “indústria artificial” (custosa e improdutiva) em paralelo ao abandono do setor rural e dos trabalhadores agrícolas, que pagariam caro pela política aduaneira e pelo câmbio de custo concedido à importação de equipamentos para alavancar o crescimento da indústria nacional. Estaria nessa diferença de tratamento a explicação para o atraso econômico do interior do país, reflexo da baixa produtividade da agricultura e da miséria do homem do campo. O “slogan da industrialização” (GUDIN, 1963) e as “manifestações de nacionalismo imbecil” (GUDIN, 1962) teriam desvirtuado o diagnóstico e a terapêutica da pobreza no Nordeste, cuja raiz se ligaria aos problemas do abastecimento de água e à falta de assistência técnica e de saúde aos trabalhadores rurais. Gudin voltou suas baterias também contra o I Plano Diretor da Sudene, que conferiu à autarquia a prerrogativa de nomear representantes para os Conselhos da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), Comissão Federal de Abastecimento e Preços (Cofap) e de Política Aduaneira, sobrepondo ao “critério nacional” o “critério regional” (GUDIN, 1961) e deformando a política bancária e monetária segundo os interesses regionalistas.

Assis Chateaubriand passaria de uma postura de indiferença a Celso e à Sudene – por conveniência e por guardar mágoa de Kubitschek, que o fizera embaixador em Londres mas rejeitara a indicação do senador e ex-ministro da Agricultura

Apolônio Sales para a Sudene – à mais renhida e verbosa oposição a partir de setembro de 1962, quando Jango nomeou Celso seu ministro do Planejamento e arquiteto do Plano Trienal. Chateaubriand se referiria a Celso como um “esquerdizante” (CHATEAUBRIAND, 1962b), “uma encarnação de Stálin” “com o coração em Cuba” (CHATEAUBRIAND, 1962c) e “um inimigo público do povo do Nordeste” (CHATEAUBRIAND, 1963b). Ele afirmaria que Celso – “o cavalo de Tróia chinês” (CHATEAUBRIAND, 1963a) –, o “marxista-leninista” (CHATEAUBRIAND, 1962c) Francisco de Oliveira e os “comunistas da Sudene”, com “polpudos empregos” e “gastos suntuários”, pretendiam, sob o disfarce da planificação, “comunizar a Nação” (CHATEAUBRIAND, 1962a). O magnata das comunicações se referiria aos pendoros “antiamericanos”, “estatistas”, “anti-Occidente” (CHATEAUBRIAND, 1963d) e contrários à iniciativa privada da Sudene e de Celso, que agiriam no intuito de sabotar e implodir a Aliança para o Progresso – “A Aliança para o Progresso somente encontrará o seu ímpeto criador na hora em que se mobilizarem os anti-Furtados, os anti-Arraes e os anticretinos da Sudene” (CHATEAUBRIAND, 1963c).

Argemiro Figueiredo (PTB-PB) foi “o inimigo público nº 1 da Sudene” (J. J. & J., 1962) e de Celso e um ardoroso defensor do Dnocs. Alinhado à concepção hidráulica, ele atribuía a pobreza do Nordeste à irregularidade climática e às secas periódicas e vislumbrava como solução a construção de novas barragens por toda a zona semiárida e seu aproveitamento agrícola. O problema se resumiria ao binômio água e irrigação. Coerente com essa perspectiva, Argemiro denunciava o que acreditava ser o abandono da agricultura e do trabalhador do campo pela Sudene, que teria olhos exclusivos para a industrialização dos centros urbanos. Na cruzada que moveu contra a incorporação do Dnocs e de seus recursos aos planos da Sudene, o senador e ex-governador da Paraíba denunciou o “arbitrio” (FIGUEIREDO, 1963a) de Celso, que organizara “um exército de funcionários sob seu comando ideológico” (FIGUEIREDO, 1963b), teria concentrado em suas mãos e da Sudene os poderes de planificação e execução e desprestigiado os demais órgãos federais na região, provocando a “duplicidade de funções e órgãos” (FIGUEIREDO, 1963a) – com o mesmo argumento, os governadores denunciariam nas reuniões do Codeno a “interferência” da Sudene nos Estados e a falta de coordenação com os órgãos estaduais e municipais⁹. Celso mal se recuperara do susto do desengavetamento na Câmara de uma velha lei de irrigação por parlamentares ligados à “indústria das secas”, em agosto de 1959, quando o político paraibano – e relator do projeto de lei da Sudene na Comissão de Justiça do Senado – tentou emendar a lei para retirar da Sudene o controle do Dnocs e esvaziar a política de planejamento global. Depois da árdua batalha envolvendo pessedistas e Kubitschek, a derrota dos “argemiros” (ÚLTIMO recurso, *Correio da Manhã*, 1961) no Congresso colocou uma cunha nos interesses da “indústria das secas” e deu a largada para a reforma administrativa dos órgãos federais no Nordeste acalentada por Celso. No final de 1961, nas discussões do I Plano Diretor no Congresso, Argemiro voltou à carga pregando em Celso o velho bordão de “comunista fichado” (PARLAMENTO Nacional, *Correio da Manhã*, 1961) e referindo-se ao I PD como “um plano subversivo” (DEBATE decisivo..., *Correio da Manhã*, 1961). Contra as “emendas anti-Sudene” (NORDESTE todo..., *Correio da Manhã*, 1961) de Argemiro, organizou-se um amplo e heterogêneo

9 Ver a respeito: Lima (2009).

movimento de apoio à Sudene congregando setores e lideranças tão avessos entre si quanto os estudantes e sindicalistas e os usineiros, Miguel Arraes e Paulo Guerra – este último encabeçaria a caça às bruxas às Ligas Camponesas e aos sudenianos acusados de comunistas ao ser empossado governador de Pernambuco pelos golpistas de abril de 1964. A “concentração-monstro” (CONCENTRAÇÃO-monstro..., *Correio da Manhã*, 1961) e o comício nas ruas do Recife no dia 6 de dezembro de 1961 em apoio à Sudene selariam, nas palavras de Celso, a “vitória da consciência nova” (DISCUTIDA a aplicação..., *Correio da Manhã*, 1962).

Esses tensionamentos e embates protagonizados por Celso nos albores da Sudene atraíram e reforçaram o entusiasmo das primeiras gerações de técnicos recrutados para lutar a seu lado pela questão nordestina. O “programa quase quimérico” e “visionário” (OLIVEIRA, 2003) do relatório do GTDN e dos PDs I e II anunciava um novo tempo para o subdesenvolvido Nordeste e foi ao encontro do idealismo de uma geração de jovens nordestinos embebidos nas esperanças e nos novos horizontes da década de 1950 e que alcançou a maturidade num período de espantoso crescimento econômico e de extraordinária fermentação social. Excetuados Mário Magalhães, Estevam Strauss e Luis Vasconcelos, todos do primeiro time, e Antonio Baltar, que ingressou na equipe no final de 1959, os primeiros sudenianos eram meninos com pouco mais de 20 anos. A Sudene conseguiu a proeza de aglutinar uma pequena e coesa equipe de moços nordestinos – paraibanos e pernambucanos em sua maioria –, recém-saídos dos bancos universitários, de especialidades as mais diversas, nutridos de entusiasmo e ideais, talentosos, audaciosos, disciplinados, competentes, desprendidos – trabalhavam noite e dia, com consciência regional e com a filosofia do desenvolvimento da Cepal de Prebisch e Celso na cabeça. Mais do que uma repartição pública, a Sudene logo se tornou “uma espécie de religião” (FURTADO, 2011) e teve em Celso seu “profeta secular” (ROSAS, 2019). Trabalhar no edifício Tereza Cristina – e no da avenida Dantas Barreto – significava a realização de um sonho e a chance de ingressar numa batalha pelo futuro a um só tempo do Nordeste e do país. Soava surpreendente e despertou muitas reações a emergência de uma geração de técnicos na flor da idade com papéis tão relevantes e poder para influir sobre os rumos de uma região inteira. A Sudene foi ao mesmo tempo a pós-graduação, o partido, a trincheira e o ganha-pão desses jovens sudenianos, que amadureceram nela e com ela. Os depoimentos seguintes são ilustrativos a respeito do significado da Sudene e da figura nuclear de Celso para essa geração:

Eu não tinha trajetória nenhuma antes da Sudene [...] não havia nada antes da Sudene [...] eu cheguei na Sudene como uma página em branco. (OLIVEIRA, 2020, p. 74; p. 75).

[...] [eu] era um menino. Como meninos da minha idade eram (quase) todos os que faziam a Sudene. (CARVALHO, 2020, p. 114).

Eu fui aluno de Celso Furtado [no curso TDE]... Eu fui me construindo com ele. (MIRANDA, 2020, p. 171).

[...] a exposição de Dr. Celso [no curso TDE] era igual à conversa de meu pai, nos ouvidos da gente. (VILAR, 2020, p. 244).

Nos cursos intensivos de Técnico em Desenvolvimento Econômico (TDE) oferecidos a partir de 1961 pela Divisão de Educação de Base e de Recursos Humanos da Sudene (chefiada por Nailton Santos) em parceria com a Cepal, BNB e BNDE, formaram-se gerações de técnicos de todos os estados da região e que rapidamente foram incorporadas à “equipe de fanáticos da racionalidade” (FURTADO, 1995, p. 23). Frente à falta de capital, pesquisas e pessoal técnico no Nordeste para levar a cabo a transformação de sua fisionomia socioeconômica, Celso se empenhou em recrutar e treinar um batalhão de técnicos recém-egressos das universidades e escolas técnico-científicas da região nos princípios do planejamento e na nova mentalidade e postura do desenvolvimento. O modesto *staff* de 25 técnicos de nível superior que ele reuniu no final de 1958 e começo do ano seguinte (quatro engenheiros, um agrônomo, onze economistas e nove especialistas das Nações Unidas) cresceu para 32 em meados de 1959 com a incorporação dos técnicos da cooperação francesa; através do curso TDE e de iniciativas como a “Semana da Sudene”, evento anual realizado nas universidades da região para expor os planos da autarquia e estimular os estudantes a ingressar em seu corpo técnico, a equipe chegou a 250 especialistas em 1961; atingiu o número impressionante de 400 técnicos ao final de 1962; em maio de 1964, a Sudene dispunha de um montante de aproximadamente 600 técnicos e outros 100 funcionários administrativos. Afora a formação meteórica de especialistas em desenvolvimento econômico, a Sudene firmou convênios de assistência técnico-científica e financeira com organismos das Nações Unidas – Cepal, Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e Fundo Especial das Nações Unidas –, organizações interamericanas – Organização dos Estados Americanos (OEA), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e *United States Agency for International Development* (Usaid-Aliança para o Progresso) –, Fundação Ford e com governos de diversos países (França, Israel, Japão, Alemanha, Holanda, EUA, Chile e México), promovendo o intercâmbio e o afluxo de técnicos e cientistas para o Nordeste; modernizou as universidades da região ao formar pessoal especializado e conceder câmbio de custo para a importação de materiais e equipamentos; em 1962, apresentou à Secretaria de Assistência Técnica das Nações Unidas o projeto de criação de um Instituto de Tecnologia Tropical; organizou seminários e conferências com intelectuais e especialistas estrangeiros e da própria região com a finalidade de disseminar novos conhecimentos, experiências e tecnologias; financiou o aperfeiçoamento técnico de pesquisadores e planejadores nordestinos no exterior e no Centro-Sul; firmou convênio com o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) para reequipar e elevar as matrículas nas escolas técnicas industriais, ampliando a oferta de mão de obra qualificada demandada pelas novas indústrias; distribuiu bolsas aos doutorandos e integrou-os a seu *staff* técnico; estruturou cursos pré-vestibulares para os cursos de engenharia e agronomia e ofertou bolsas aos jovens de famílias modestas (em 1963, por exemplo, foram concedidas 500 bolsas) – como bem lembra Tânia Bacelar (2020, p. 264), “a Sudene era a Capes da época, mas para a graduação”; promoveu diversos cursos intensivos nas sedes regionais para o aperfeiçoamento técnico de funcionários públicos estaduais e municipais (economia agrícola, administração, desenvolvimento econômico, liderança e chefia, estrutura e análise de balanços, estatística, inglês e

francês, matemática e orçamento); no escopo dos projetos de irrigação e colonização dos vales úmidos do São Francisco e do Maranhão, previu a articulação entre os planos de educação de base e de colonização para a escolarização primária das crianças, o ensino de técnicas agropecuárias e a educação sanitária visando à formação de um novo tipo de trabalhador rural nas aldeias comunitárias.



Figura 4 – Capa e contracapa do Plano Diretor em Execução – Sudene, 1962. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-PDO62

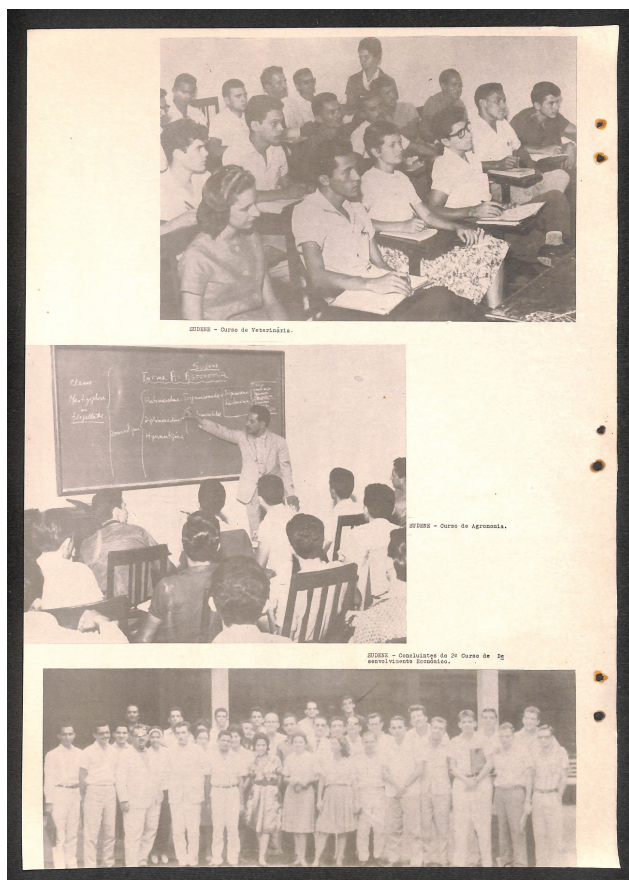


Figura 5 – Alunos em cursos promovidos pela Sudene, [1962].

Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-PD062

Também no que diz respeito a seu papel formativo, e tendo em vista as prioridades do II PD de eliminar o analfabetismo e ampliar a oferta de pessoal técnico, a Sudene apresentou em 1962 um plano estrutural de educação – em cooperação com os governos estaduais, a Usaid-Aliança para o Progresso e o MEC –, projetando: a criação de escolas radiofônicas para a educação das massas nas áreas rurais e urbanas e para alfabetizar toda a população urbana em idade escolar no prazo de cinco anos e um milhão de nordestinos até 1970; a construção e o reequipamento de dezenas de escolas (normais, agrícolas e industriais), laboratórios de ciências básicas e a abertura de milhares de salas de aula; o oferecimento de cursos de capacitação educacional para funcionários das secretarias estaduais e municipais de educação e também para preparar educadores primários e de nível médio para o ensino de ciências; por fim, investimentos nos institutos universitários, ampliação das matrículas nos centros universitários, promoção de cursos de pós-graduação e envio de pessoal para o exterior e o Sudeste. Como se pode ver, a programação educacional não era concebida e executada pela Sudene de forma fragmentária e isolada. Ela integrava o

planejamento global de todos os projetos e se vinculava à política de desenvolvimento regional, que, no essencial, buscava fazer os nordestinos partícipes das benesses do desenvolvimento econômico.

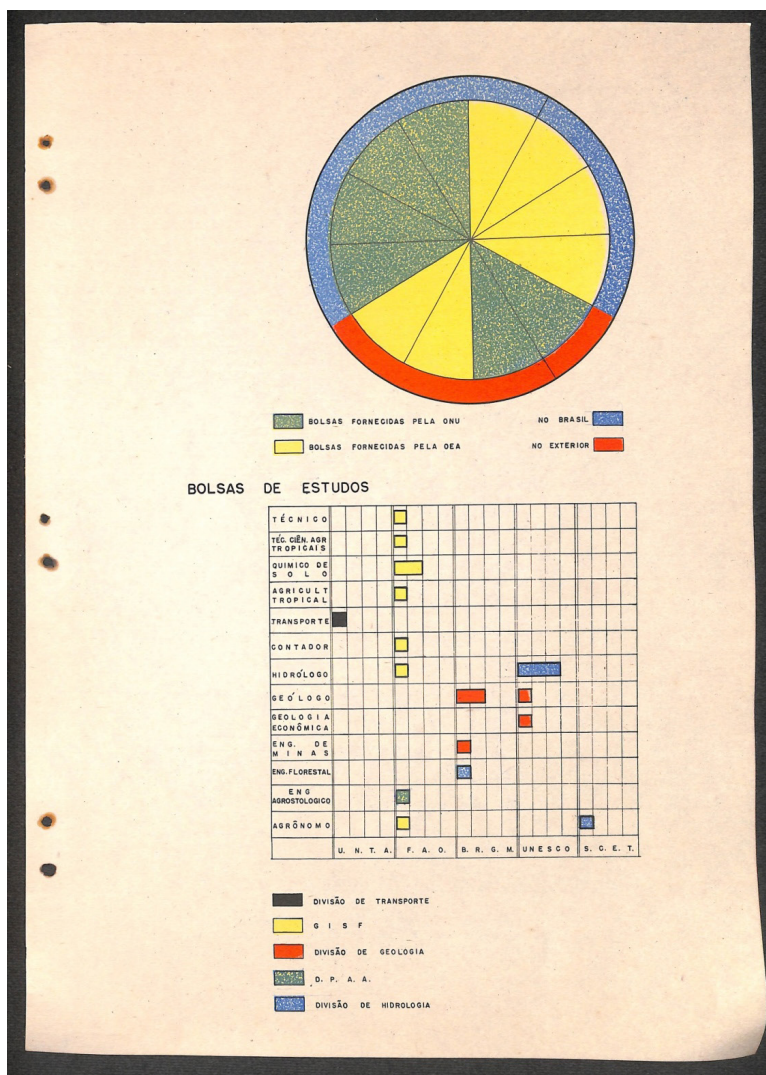


Figura 6 – Gráficos de investimento em formação – Sudene, [1962].
Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-PDo62

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo – ou a obsessão – que norteou a vida de Celso foi o de transformar o Brasil. Foi essa a fonte de sua inesgotável capacidade de lutar. Celso foi um esperançoso, um utopista do concreto e das grandes realizações humanas. Sua enorme imaginação, sua fé e sua obstinação por conquistar um futuro e construir uma nação integrada e radicalmente republicana se corporificaram na Sudene. Foi ela sua obra-prima. É a ela que será sempre preciso voltar. Não para nos lamentarmos pela interrupção de seu projeto generoso, mas para cobrá-lo. A Sudene é a fonte de águas cristalinas de uma região e de um país ainda por se fazer. Sabemos da poderosa atração que ela e Celso exerceram e continuam a exercer sobre as novas gerações. É prova disso o fato de que, nesse período, Celso foi paraninfo e patrono de um sem-número de formandos de diversos cursos.

Gostaríamos de concluir este texto presenteando os leitores com o convite de formatura da turma de veterinária de 1967 da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que escolheu Celso para patrono. Celso não pôde comparecer por razões evidentes – estava exilado –, mas guardou o convite que encerra a mensagem de esperança e coragem deixada por ele e pela Sudene.

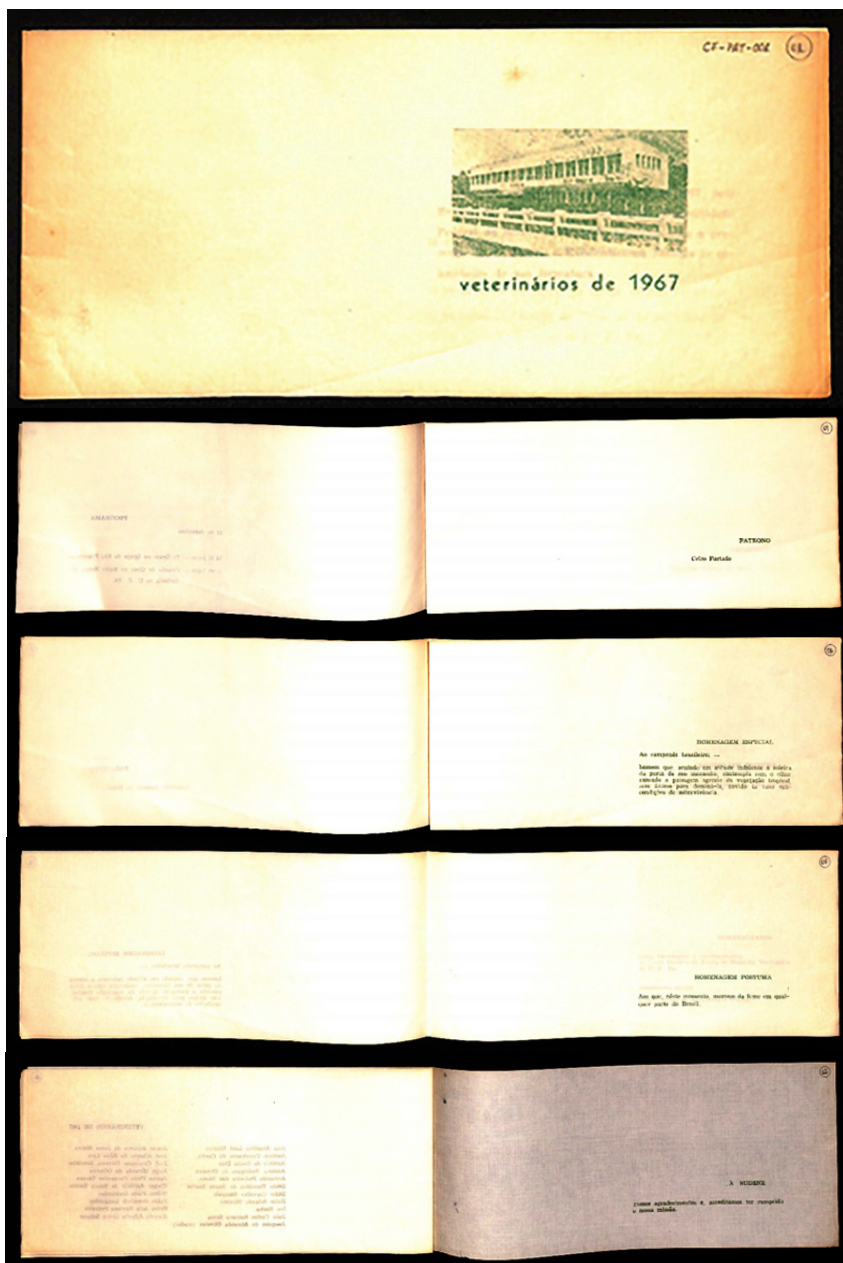


Figura 7 – Detalhes do convite de formatura da turma de 1967 da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-PAT-001

Patrono: Celso Furtado

Homenagem especial: Ao camponês brasileiro, homem que, sentado em atitude indolente à soleira da porta de seu mocambo, contempla com o olhar cansado a paisagem agreste da vegetação tropical, sem ânimo para dominá-la, devido às suas subcondições de sobrevivência.

Homenagem póstuma: Aos que, neste momento, morrem de fome em qualquer parte do Brasil.

À Sudene: Nossos agradecimentos, e acreditamos ter cumprido a nossa missão.

Envolvido por esse vigor de Celso Furtado, o presente texto foi escrito. A nós parece importante destacar que sua feitura e publicação se deram em meio à pandemia de covid-19, que teve início oficialmente no Brasil em 2020. O acervo de Celso Furtado chegou ao IEB no fim de 2019. As atividades técnicas de tratamento documental para abertura pública e o recebimento presencial de pesquisadores precisaram ser alterados de forma drástica. Foi preciso nos reinventar. Entretanto, inspirada por Celso, que, como dito anteriormente, à frente da Sudene montou a Divisão de Revistas e organizou uma série de publicações com os planos e o balanço dos trabalhos das diversas divisões do órgão, a presente publicação busca inaugurar a publicização dos documentos do arquivo pessoal de Celso Furtado. Enquanto isso, nossas equipes multidisciplinares, compostas de técnicos do IEB, professores e pesquisadores do Instituto e os jovens estagiários e bolsistas – que atuam conosco por meio dos programas de formação continuada junto ao acervo –, seguimos trabalhando. Espera-se que, estabilizadas as condições sanitárias, os pesquisadores interessados na vida e na obra de Celso Furtado possam vir novamente, de forma presencial ao IEB, que, como sempre, aguarda a todos. Mas, de forma especial, aguarda os jovens pesquisadores. Nosso mestre Celso Furtado tem muito ainda a nos ensinar. Sua voz está registrada para sempre em sua obra e em seu acervo. Nós a ouvimos, e foi ela que nos entusiasmou a compartilhar estas amostras com o público. Que ela siga ecoando, nos ensinando e nos motivando a fazer jus à *res publica* e democrática no Brasil.

SOBRE OS AUTORES

DARLAN PRAXEDES BARBOZA é doutorando em Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e integrante do Núcleo de Sociologia da Cultura (NSC/FFLCH/USP).

darlan.barboza@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-9907-4656>

ELISABETE MARIN RIBAS é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e especialista em Organização de Arquivos pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), onde compõe a equipe técnica de funcionários do Serviço de Arquivo.

elisabete.ribas@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8918-8676>

REFERÊNCIAS

- BACELAR, Tania. Celso Furtado: um intelectual com o pé no chão. [Entrevista concedida a] João Moraes de Sousa e Andrea Carla de Azevêdo. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos). v. 2. Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 247-269.
- BIELCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1988.
- BRAZIL – The troubled land. Direção de Helen Jean Rogers. EUA, 1961. (25 min.).
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Método e paixão em Celso Furtado. In: BRESSER-PEREIRA, L.; REGO, J. M. (org.). *A grande esperança em Celso Furtado*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BRUGSMA, Willem. Brazil's Northeast: explosive as Cuba. *The Washington Post*, 12/8/1962. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-046.
- BUARQUE, Cristovam. Depoimento de Cristovam Buarque. In: FORMIGA, Marcos; GAUDÊNCIO, Francisco de Sales; (org.). *Era da esperança: teoria e política no pensamento de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 94-98.
- CARVALHO, José Murilo de. Homenagem ao Acadêmico Celso Furtado. *Anuário 2002-2006*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- CARVALHO, Otamar de. Das secas, açudagem e lavouras xerófilas ao desenvolvimento do Nordeste. [Entrevista concedida a] Milena Barros Marques dos Santos e Cidival Moraes de Sousa. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante* (depoimentos). v. 2. Campina Grande: Eduepb, 2020, p. 109-140.
- CHATEAUBRIAND, Assis. O esforço pertinaz de comunicação da Sudene na esfera algodoeira. 21/10/1962a.
- CHATEAUBRIAND, Assis. A insuperável reserva. *Diário de Pernambuco*, 16/12/1962b.
- CHATEAUBRIAND, Assis. O homem e um fantasma. *Diário de Pernambuco*, 22/12/1962c.
- CHATEAUBRIAND, Assis. Os vermelhos meridionais. *Diário de Pernambuco*, 8/2/1963a.
- CHATEAUBRIAND, Assis. Os consertadores da panela furada. *Diário de Pernambuco*, 19/2/1963b. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-037.
- CHATEAUBRIAND, Assis. Um americano de verdade no meio do vigarismo cubano. *Diário de São Paulo*, 19/2/1963c. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-035.
- CHATEAUBRIAND, Assis. O porco Estado socialista. *Diário de São Paulo*, 1/5/1963d. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-034.
- CONCENTRAÇÃO-monstro paralisa Recife em defesa da Sudene. *Correio da Manhã*, 7/12/1961.
- DEBATE decisivo sobre o Plano Diretor da Sudene. *Correio da Manhã*, 26/11/1961.

- DEBATE na Faculdade de Ciências Econômicas. *Diário da Paraíba*, 19/11/1958. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-043.
- DESENVOLVIMENTO econômico do Brasil: discurso do Ministro Celso Furtado no CIES. *O Globo*, 18/11/1962.
- DISCUTIDA a aplicação do plano diretor da Sudene. *Correio da Manhã*, 14/1/1962
- FIGUEIREDO, Argemiro. A Sudene e a sua estruturação administrativa. *O Jornal*, 1/2/1963a. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-036.
- FIGUEIREDO, Argemiro. Estruturação criminosa. *O Jornal*, 2/2/1963b. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-010.
- FURTADO, Celso. Omladinska Pruga: com uma brigada internacional nas montanhas da Bósnia. (Especial para a “Revista da Semana”). *Revista da Semana*, 22/11/1947.
- FURTADO, Celso. *A fantasia organizada*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FURTADO, Celso et al. *Era da esperança*. Teoria e política no pensamento de Celso Furtado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- FURTADO, Celso. A operação nordeste. In: *O Nordeste e a Saga da Sudene 1959-1964*. Coleção Arquivos Celso Furtado. (Organização, Introdução e Notas de Rosa Freire d’Aguiar). Rio de Janeiro: Contraponto / Centro Celso Furtado, 2009.
- FURTADO, Celso. Entrevista a Eduardo Kugelmas. *Cadernos do Desenvolvimento*, v. 6, n. 8, 2011, p. 375-415.
- FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. Edição definitiva. Coordenação de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FURTADO, Celso. *Diários intermitentes: 1937-2002*. Organização, apresentação e notas de Rosa Freire d’Aguiar. Prefácio de João Antonio de Paula. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- GUDIN, Eugênio. O regional se sobrepondo ao nacional. *Diário de Pernambuco*, 15/7/1961.
- GUDIN, Eugênio. O problema do nordeste. *O Globo*, 31/1/1962.
- GUDIN, Eugênio. A filosofia de Celso Furtado II. *O Globo*, 22/4/1963.
- J. J. & J. Velho gagá. *Correio da Manhã*, 6/12/1961, segundo caderno, p. 1.
- KEELY, Charles. Is it too late to save Brazil? If this is communism we need more of it. *The Washington Daily News*, 12/3/1962a. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-040, CF-SUD-MP-050.
- LIMA, Marcos Costa. O Conselho Deliberativo da Sudene. In: FURTADO, Celso. *O Nordeste e a saga da Sudene 1958-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto/Centro Internacional Celso Furtado de Política para o Desenvolvimento, 2009. (Arquivos Celso Furtado 3).
- MIRANDA, Carlos Luiz de. Não dá para imaginar um Nordeste (e o Brasil) sem Celso Furtado. [Entrevista concedida a] Milena Barros Marques dos Santos e Cidoval Moraes de Sousa. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante (depoimentos)*. v. 2. Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 167-175.
- NERY, Emmanuel. Nordeste del Brasil: Nueva Tierra Prometida. *El Mercurio*, Santiago, 1/3/1963. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-039.
- NORDESTE todo mobilizado contra emenda anti-Sudene. *Correio da Manhã*, 5/12/1961.
- OLIVEIRA, Francisco de. *A navegação venturosa: ensaios sobre Celso Furtado*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- OLIVEIRA, Francisco de. Celso Furtado: um republicano exemplar. [Entrevista concedida a] Marcos Costa Lima e Angela Nascimento. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante (depoimentos)*. v. 2. Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 71-107.
- PARLAMENTO Nacional. No Senado. *Correio da Manhã*, 5/12/1961.

- PIÑON, Néida. Homenagem ao Acadêmico Celso Furtado. In: *Anuário 2002-2006*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.
- PLANO DE AÇÃO para o Nordeste. Uma entrevista com Celso Furtado, supervisor do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste – A escassez é de comida e não de água – Industrialização da zona úmida – Integração regional de um novo Nordeste. *Correio da Manhã*, 13/1/1959.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Organização de Caio Gagliardi. São Paulo, Hedra, 2007.
- ROSAS, Clemente. VIII – Celso Furtado. *Revista Será? Penso, logo duvido*. Postado por Clemente Rosas. 27/9/2019. Disponível em <https://revistasera.info/2019/09/eu-e-eles-ecos-de-memoria-politica-clemente-rosas-7>. Acesso em: fev. 2021.
- SIRIUS. II. - Conquête et révolution. *Le Monde*, 25/7/1963. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-038.
- SUDENE Program, abundant rains helping Northeast. *Brazilian Bulletin*, n. 401, v. XVII, 1961.
- SZULC, Tad. Northeast Brazil poverty bleeds threat of a revolt. *The New York Times*, 22/10/1961. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-041.
- SZULC, Tad. New Latin Accord is offered by U. S. Nations get outline of Alliance for Progress. *The New York Times*, 14/7/1961a. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-049.
- SZULC, Tad. Marxists are organizing peasants in Brazil. *The New York Times*, 24/11/1961b.
- SZULC, Tad. U. S. in quandary on aid to Brazil. Regime believed incapable of carrying out reforms. *The New York Times*, 24/2/1962. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-048.
- TAYLOR, Frank. Brazil too has its North-East problem. *Jornal [?]*, s. d. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-045.
- ÚLTIMO recurso. *Correio da Manhã*, 30/11/1961.
- XAVIER, Lauro P. Agrônomos x economistas (À margem da conferência do professor Celso Furtado). *Diário de Pernambuco*, 30/10/1958. Arquivo IEB/USP, Fundo Celso Furtado, código de referência CF-SUD-MP-003.
- VILAR, Manelito. Celso Furtado, a Sudene e o semiárido: enfrentando a seca social. [Entrevista concedida a] Andreza Dantas Albuquerque e Walter Wasconcelos. In: SOUSA, C. M. de; THEIS, I. M.; BARBOSA, J. L. A. (org.). *Celso Furtado: a esperança militante (depoimentos)*. v. 2. Campina Grande: EDUEPB, 2020, p. 239-246.